

ENTRE COSTUMES E TIPOS: UMA ANÁLISE D' *O ALIENISTA* DE MACHADO DE ASSIS

Mirna Brito Santana ¹

Resumo: O objetivo desse artigo é pensar nas últimas décadas do século XIX brasileiro e os discursos sobre razão, ordenamento social, modernização e progresso que começavam a ganhar fôlego sob a ótica científica. Para essa reflexão é utilizado como fonte o conto *O Alienista* de Machado de Assis, como crítica do literato sobre a cientificidade de seu tempo. Espera-se que o diálogo entre realidade e ficção crie compatibilidades, mas também dissonâncias que possam evidenciar a complexidade e contradições na definição de Brasil para os indivíduos desse tempo histórico.

Palavras-chave: História e Literatura; Saúde pública; Século XIX brasileiro

BETWEEN COSTUMES AND TYPES: AN ANALYSIS BY THE MACHADO DE ASSIS ALIENIST

Abstract: The purpose of this article is thinking in the last decades of the nineteenth century and the speeches of reason, social ordering, modernization and progress that started to win breath from a scientific perspective. For this reflection it is used the tale *O Alienista* of the Machado de Assis, as a criticize of the literate about the scientificity of your time. It is hoped the dialogue between reality and fiction that makes create compatibilities, but also dissonances that can highlight the complexity e contradictions in the definition of Brazil for the individuals of this historical time.

Keyword: History and Literature; Public health; 19th century Brazilian

José Maria Machado de Assis (1839-1908) é considerado um dos principais escritores brasileiros do século XIX, tendo publicado poemas, contos e romances que nos permitem entrever um Rio de Janeiro e um Brasil pouco perceptível nos discursos saídos das câmaras, periódicos e mentalidade da época.

O Alienista é um de seus contos. Foi primeiramente publicado em capítulos pelo periódico *A Estação: Jornal ilustrado da família*², entre outubro

¹ Atualmente é mestranda em História pela Universidade Federal de São Paulo com bolsa Fapesp (2019-2021). Integrante do Núcleo de Estudos Ibéricos. Tem interesse na área de História Contemporânea, com ênfase em História da Saúde no século XIX. (<http://lattes.cnpq.br/2449001607615542>)

de 1881 e março de 1882 e no mesmo ano incluído na coletânea *Papeis Avulsos* de contos do autor.

A narrativa d' *O Alienista* conta a história de uma vila Itaguaí fictícia, no interior do Rio de Janeiro, quando da chegada do alienista Simão Bacamarte, famoso e reconhecido até pelo rei de Portugal.

A volta do renomado cientista provoca um tremendo alvoroço em Itaguaí quando esse decide se dedicar ao estudo das patologias cerebrais e convence a Câmara de vereadores (conhecida por seu desgoverno) para construir uma Casa de Orates, a Casa Verde.

Uma leitura mais aprofundada do conto apresenta ao seu leitor uma trama repleta de ironia e humor que delinea os personagens e suas ações, mas que também dão indícios das próprias impressões que o autor detinha da sociedade na qual estava inserido. *O Alienista* não é um reflexo da realidade, mas uma caricatura do tempo de sua produção e todas as suas problemáticas, imbuído de metáforas, exageros e deformações pertinentes ao trabalho criativo de seu autor.

É nessa chave interpretativa que se procura trabalhar esse conto, propondo pontos de verossimilhança com a realidade, mas também evidenciando as distorções que podemos identificar no estilo de Machado de Assis, que longe de explicar sua experiência enquanto homem de seu tempo, esboçam perspectivas e leituras de seu mundo.

A história de *O Alienista* mostra que seus personagens, o ambiente e o tempo estão permeados por diferentes caricaturas do comportamento humano e social, que em alguma medida dialogam com os contrassensos presentes no cotidiano do Rio de Janeiro.

² CRESTANI, Jaison Luís. *Machado de Assis e o processo de criação literária: estudo comparativo das narrativas publicadas n'A Estação (1879-1884), na Gazeta de Notícias (1881-1884) e nas coletâneas Papéis avulsos (1882) e Histórias sem data (1884)*. 2011. 364 p. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, 2011.

As reflexões propostas aqui não apresentam uma resposta de desvendamento da real intenção do autor ao escrever o conto, no entanto, cabe aqui esboçar algumas hipóteses que discutem leituras sobre a complexa sociedade de Corte que foi o grande palco para as narrativas de Machado de Assis.

A Corte Imperial e a Itaguaí fictícia

Foi com um ar cético e irônico que Machado de Assis parece ter escrito *O Alienista*.

O contraste entre a cultura existente e as novas ideias trazidas pelo alienista permeiam toda a narrativa de forma que os efeitos gerais sejam a agitação no cotidiano em Itaguaí, crescimento gradual da autoridade do médico, além do progressivo aumento das internações de habitantes da vila, tudo autorizado pelo arbítrio do discurso científico de Simão Bacamarte, que surge praticamente como uma promessa de alavancar o progresso da vila.

Na trama, o narrador machadiano deixa muito claro que ninguém chega a realmente entender o raciocínio científico proposto pelo alienista, mas a expectativa pelo progresso e a arrecadação de mais impostos pelo poder público, tornam a retórica do médico muito atraente para os vereadores que discutiam na Câmara suas propostas. Não é por acaso que a maioria das tensões envolvendo o discurso alienista e a incompreensão popular se manifestam na Câmara, local onde as decisões consideradas mais importantes para a Itaguaí ficcional aconteciam.

O importante desse aspecto é o entendimento que se estabelece entre os vereadores e o alienista, que não chega a ser ideológico ou pautado por demandas eruditas, mas pelo aspecto que ligam os dois mundos: o desenvolvimento da ciência por meio do estudo das desordens

mentais por parte de Simão Bacamarte e a criação e arrecadação de mais impostos pela administração pública de Itaguaí.

A vereança de Itaguaí, entre outros pecados de que é argüida pelos cronistas, tinha o de não fazer caso dos dementes. Assim é que cada louco furioso era trancado em uma alcova, na própria casa, e, não curado, mas descurado, até que a morte o vinha defraudar do benefício da vida; os mansos andavam à solta pela rua. Simão Bacamarte entendeu desde logo reformar tão ruim costume; pediu licença à Câmara para agasalhar e tratar no edifício que ia construir todos os loucos de Itaguaí, e das demais vilas e cidades, mediante um estipêndio, que a Câmara lhe daria quando a família do enfermo o não pudesse fazer. [...] Dali foi à Câmara, onde os vereadores debatiam a proposta, e defendeu-a com tanta eloquência, que a maioria resolveu autorizá-lo ao que pedira, votando ao mesmo tempo um imposto destinado a subsidiar o tratamento, alojamento e mantimento dos doidos pobres. A matéria do imposto não foi fácil achá-la; tudo estava tributado em Itaguaí. Depois de longos estudos, assentou-se em permitir o uso de dois penachos nos cavalos dos enterros. Quem quisesse emplumar os cavalos de um coche mortuário pagaria dois tostões à Câmara, repetindo-se tantas vezes esta quantia quantas fossem as horas decorridas entre a do falecimento e a da última bênção na sepultura. O escrivão perdeu-se nos cálculos aritméticos do rendimento possível da nova taxa; e um dos vereadores, que não acreditava na empresa do médico, pediu que se relevasse o escrivão de um trabalho inútil.

— Os cálculos não são precisos, disse ele, porque o Dr. Bacamarte não arranja nada. Quem é que viu agora meter todos os doidos dentro da mesma casa?

Enganava-se o digno magistrado; o médico arranhou tudo. Uma vez empossado da licença começou logo a construir a casa.³

O poder político da Câmara tem a maior autoridade na vila, mas quando o assunto é a ciência e seus métodos, não há o que questionar, pois esse é um domínio que corresponde somente a autoridade à altura, e no caso Bacamarte.

Nesse trecho da narrativa, aparece uma relação mais próxima do que poderia ser uma aproximação do contexto vivido por Machado e sua obra, pois assim parece ter ocorrido ao longo do século XIX, no qual autoridades políticas começaram a debater e posteriormente aderir aos argumentos

³ ASSIS, Machado. *O Alienista*. São Paulo: Ática, 1992, p. 10-11.

científicos para implementar políticas públicas, isso também ocorre n' *O Alienista*.

A questão se concentra no seguinte raciocínio: no processo histórico entendemos que as relações entre política e ciência não se deram de forma tão objetiva e sem conflitos. Afinal de contas, o processo de coesão da medicina enquanto campo de saber e de práticas foi um percurso turbulento de disputas com outras práticas de cura reconhecidas naquela época como legítimas, assim como o surgimento das escolas, universidades e hospitais não se deu rapidamente e sim de forma gradativa e ainda embrionário no final do século XIX⁴, contudo, o que pode ser incorporado ao contexto da vila de Machado enquanto crítica de sua sociedade foi o caráter autoritário do discurso médico que abriu espaço para a ciência, o que ocasionou um choque entre as autoridades envolvidas nesse processo e a população que não participava dos debates e problematizações sobre sua realidade, mas somente como objeto de estudo.

Esses são pontos exagerados pelo autor do conto, que dão a impressão de total impossibilidade de diálogo entre a ciência e a população, como uma disputa do *racional* e do *irracional* que não são capazes de estabelecer qualquer entendimento um com o outro. Contudo, trata-se na verdade, de uma leitura que explicita o caráter complexo de experiências vividas distintas num mesmo tempo e mesmo num mesmo espaço.

Machado de Assis demonstra uma visão cômica do comportamento da população, mas também evidencia o inevitável confronto entre a realidade instituída e a idealização racional prevista para o ordenamento social nos anos finais do século XIX, nas principais localidades do Império.

⁴ GONÇALVES, Monique de Siqueira. Estado, medicina mental e sociedade no Segundo Reinado: reclusão e assistência a alienados na capital do Império do Brasil. *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História - conhecimento histórico e diálogo social*. Natal: UFRN, 2013.

Maria Clementina Cunha analisou a obra *Festas e tradições populares do Brasil*, do cronista Mello Moraes Filho e constatou que a presença de pessoas excêntricas era comum, como uma espécie de *figuras públicas* e populares na paisagem urbana que se enquadrava no cotidiano da Corte no século XIX, “[...] loucos de todos os matizes sociais que compunham uma rica galeria de ‘tipos de rua’ como os chama o próprio cronista e não de internos dos hospícios.”⁵

Com a narrativa apresentada pelo cronista, Cunha procurou evidenciar que sendo doente ou não, essas pessoas estavam em constante contato com a população que as cercava. Sem dúvida, não podemos deixar de pensar que essa relação poderia apresentar elementos de tensão entre os comportamentos considerados *normais* e o aspecto incomum desses tipos de rua assinalados por Mello Moraes Filho, entretanto, esse era um contato que resguardava certa tolerância entre as pessoas e suas diferenças, sem necessidade de considerar problemas mentais e psicológicos como algo perigoso.

A preocupação com a livre circulação dessas pessoas, segundo Maria Clementina Cunha, estava muito mais atrelada às camadas dirigentes, já que nas décadas finais do oitocentos brasileiro surgiam gradativamente iniciativas na medicina (ainda em seus primeiros passos) em relação ao tratamento dos indivíduos desviantes da *normalidade reconhecida*, assim como projetos de urbanização que tinham a exclusão social como elementos intrínsecos às suas lógicas.

O estabelecimento da Corte Imperial criou a necessidade de se identificar ao ideário das cortes europeias. Nesse sentido, qualquer resquício de um passado supersticioso e crédulo poderia representar uma mácula nesse processo rumo ao *moderno* e *civilizado*, mas que no cotidiano se

⁵ CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Cidadelas da ordem: a doença mental na República*. São Paulo: Brasiliense, 2010, p. 9.

mostrava como algo muito mais enraizado e resistente na estrutura social existente.

Consideravam-se arcaicas as práticas populares de cura, dentre outros costumes da maioria da população, algo que a medicina social que começava a despontar não conseguia coordenar em suas ações de higienização social.⁶

Abordado de diferentes maneiras, essas discussões são trabalhadas por autores como Maria Clementina Cunha, Kátia Muricy e Sidney Chalhoub. Estes trazem em seus trabalhos reflexões importantes sobre as últimas décadas do oitocentos brasileiro, os debates ilustrados e no interior da administração pública sobre o desenvolvimento das cidades, o surgimento do higienismo e a necessidade de controlar práticas e indivíduos dissonantes no corpo social idealizado.

Embora o discurso científico se colocasse como única explicação legítima sobre a vida em sociedade, Maria Clementina Cunha, evidencia que as ações enquadradas dentro do que se considerava alienação mental, era assunto presente nas discussões e estava atrelado aos comportamentos sociais.

[...] o pensamento alienista estava essencialmente voltado para a profilaxia do meio urbano. Para eles, a cidade aparecia como o ambiente ideal para esta cultura de germes deflagradores de uma verdadeira epidemia social. Se, do ponto de vista teórico, degenerados sempre existiram (pois é da natureza da "ciência" adotar sempre pontos de vista supra históricos), a cidade tornaria possível que eles se escondessem e se multiplicassem sem controle.⁷

⁶ As discussões e disputas entre a ciência oitocentista e as práticas de cura populares é um aspecto muito bem explorado por Sidney Chalhoub, em seu livro *Cidade Febril*.

⁷ CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 26.

Dessa maneira, tornou-se uma missão para os médicos engajados em conjunto com uma elite temerosa, controlar a possibilidade de fracasso de uma sociedade em busca do *progresso* e da *civilização*.

Como afirma Kátia Muricy⁸, a medicina funcionou como um poder centrífugo ao poder central. Ao reclamarem a competência científica de regulação da prática médica, tendo consciência explícita disso ou não, os médicos oitocentistas estavam na verdade reconhecendo os mecanismos normativos de controle sobre os mecanismos jurídicos.

Mais do que isso, essa medicina social legitimou-se politicamente identificada aos princípios universais da razão e do progresso para se colocar no papel de agente normalizador fundamental do Estado, e não como peça menor do aparelho jurídico do soberano.

A ciência médica foi o fundamento racional para o pacto social, dialogou com os ideais de democracia, liberdade e civilização.⁹ Entretanto, nem todas as pessoas estavam aptas para serem incluídas nesse projeto.

Enquanto instituição, a medicina esteve a serviço da modernidade, orientando de forma racional o homem na tarefa emancipadora de condução da sociedade à plenitude da civilização, por isso a necessidade de intervenção imediata no meio urbano e alteração da dinâmica em que principalmente as classes populares vinham se manifestando.

Estabelecendo relação com a narrativa machadiana, pode-se pensar que Itaguaí também recebe o fardo da civilização como uma maneira de alavancar seu progresso num contexto colonial, mas ao cabo não conseguiu criar vínculos efetivos entre as ideias do alienista e a dinâmica social das pessoas que viviam na vila.

Não podemos afirmar que Machado de Assis tenha construído toda essa identidade de maneira totalmente consciente, ainda que a sátira e a

⁸ MURICY, Kátia. *A razão cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo*. São Paulo: Cia das Letras, 1988, p. 23.

⁹ MURICY, Kátia. *A razão cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo*. São Paulo: Cia das Letras, 1988, p. 28.

crítica sejam elementos próprios de sua escrita. É inegável a similaridade que se propõe entre seu texto e contexto histórico, excetuando o ar de zombaria e exagero explorados pelo autor.

As figuras e patologias de Itaguaí

Parte essencial da trama são os personagens da vila de Itaguaí que possibilitam auxiliar nas interpretações empreendidas como exemplos da suposta anormalidade que Simão Bacamarte encontrou.

Do ponto de vista do real, suas ações e comportamentos permitem não só a identificação da complexidade do caráter humano integram a rica galeria de *tipos*, personalidades que Machado de Assis pode ter encontrado ao longo de sua vida no Rio de Janeiro do século XIX e utilizado para dar vida aos seus personagens.

Parte essencial da trama são os personagens da vila de Itaguaí que possibilitam auxiliar nas interpretações empreendidas como exemplos da suposta anormalidade que Simão Bacamarte encontrou.

Do ponto de vista do real, suas ações e comportamentos permitem não só a identificação da complexidade do caráter humano e integram a rica galeria de *tipos*, personalidades que Machado de Assis pode ter encontrado ao longo de sua vida no Rio de Janeiro do século XIX e utilizado para dar vida aos seus personagens.

[...] Só a casa bastava para deter a chamar toda a gente; mas havia mais, — a mobília, que ele mandara vir da Hungria e da Holanda, segundo contava, e que se podia ver do lado de fora, porque as janelas viviam abertas, — e o jardim, que era uma obra-prima de arte e de gosto. Esse homem, que enriquecera no fabrico de albardas, tinha tido sempre o sonho de uma casa magnífica, jardim pomposo, mobília rara. Não deixou o negócio das albardas, mas repousava dele na contemplação da casa nova, a primeira de Itaguaí, mais grandiosa do que a Casa Verde, mais nobre do que a da Câmara, Entre a gente ilustre da povoação havia choro e ranger de dentes, quando se pensava, ou se falava, ou se louvava a casa do albardeiro, — um simples albardeiro, Deus do céu!

— Lá está ele embasbacado, diziam os transeuntes, de manhã. De manhã, com efeito, era costume do Mateus estatelar-se, no meio do jardim, com os olhos na casa, namorado, durante uma longa hora, até que vinham chamá-lo para almoçar. Os vizinhos, embora o cumprimentassem com certo respeito, riam-se por trás dele, que era um gosto. Um desses chegou a dizer que o Mateus seria muito mais econômico, e estaria riquíssimo, se fabricasse as albardas para si mesmo; epigrama ininteligível, mas que fazia rir às bandeiras despregadas.

— Agora lá está o Mateus a ser contemplado, diziam à tarde. A razão deste outro dito era que, de tarde, quando as famílias safam a passeio (jantavam cedo) usava o Mateus postar-se à janela, bem no centro, vistoso, sobre um fundo escuro, trajado de branco, atitude senhoril, e assim ficava duas e três horas até que anoitecia de todo. Pode crer-se que a intenção do Mateus era ser admirado e invejado, posto que ele não a confessasse a nenhuma pessoa, nem ao boticário, nem ao Padre Lopes seus grandes amigos. E entretanto não foi outra a alegação do boticário, quando o alienista lhe disse que o albardeiro talvez padecesse do amor das pedras, mania que ele Bacamarte descobrira e estudava desde algum tempo. Aquilo de contemplar a casa...¹⁰.

Parte essencial da trama são os personagens da vila de Itaguaí que possibilitam auxiliar nas interpretações empreendidas como exemplos da suposta anormalidade que Simão Bacamarte encontrou.

Do ponto de vista do real, suas ações e comportamentos permitem não só a identificação da complexidade do caráter humano e integram a rica galeria de *tipos*, personalidades que Machado de Assis pode ter encontrado ao longo de sua vida no Rio de Janeiro do século XIX e utilizado para dar vida aos seus personagens.

A população de Itaguaí é caracterizada por Machado de Assis como pessoas simples, muito convictas das superstições, que gostam de mostrar o que suas existências têm de melhor, ainda que sejam aspectos ínfimos, para efeito de exibição. Embora estejam presentes no conto, sua participação é distante ou mesmo efêmera.

Suas histórias se apresentam na trama de Machado como pequenos episódios, casos que servem para evidenciar suas características, hábitos e comportamentos que justificam a internação na Casa Verde.

¹⁰ ASSIS, Machado. *O Alienista*. São Paulo: Ática, 1992, p. 21-22.

Para seus vizinhos e amigos essas pessoas e suas excentricidades são motivos para pequenos diálogos indiscretos, entretanto, para o alienista em atuação, são verdadeiros eventos reveladores de suas patologias que se manifestam no cotidiano e nas pequenas ações.

A atuação desses agentes também serve para o autor como demonstração do quanto são *tutelados* pelos diferentes poderes que se instauram na vila, já que após tantos conflitos, a vida segue sendo da mesma maneira como antes da chegada de Simão Bacamarte, como se nada houvesse acontecido para mudar a vida dessas pessoas.

[...] Pois o Gil Bernardes, apesar de se saber estimado, teve medo quando lhe disseram um dia que o alienista o trazia de olho; na madrugada seguinte fugiu da vila, mas foi logo apanhado e conduzido à Casa Verde.

— Devemos acabar com isto!

— Não pode continuar!

— Abaixo a tirania!

— Déspota! Violento! Golias!

Não eram gritos na rua, eram suspiros em casa, mas não tardava a hora dos gritos [...]¹¹

Esse aspecto intenso e ao mesmo tempo imobilizado dessa população agir parece ser uma crítica do autor. Apesar do espanto e a discordância dos procedimentos infligidos aos habitantes dessa Itaguaí fictícia, suas ações não conseguem demonstrar qualquer autoridade ou impacto no que as figuras de poder nessa vila fazem.

O mal governo da Câmara se perpetua e de forma incontestável. Os interesses e a arbitrariedade dos diálogos entre os vereadores são demonstráveis disso e a população não rompe em nada com o ordenamento social estabelecido e reiteradamente legitimado pelos acontecimentos ocorridos com a chegada de Bacamarte.

A Câmara como a instituição de maior poder, mesmo sem entender os argumentos científicos do alienista, oferece apoio às suas experiências.

¹¹ ASSIS, Machado. *O Alienista*. São Paulo: Ática, 1992, p. 26.

Todas as decisões de Bacamarte são acatadas e as denúncias contra os métodos do médico não tiveram solução em nenhuma jurisdição.

Será que essa visão tem algo em comum com a sociedade de Machado?

A política nesse caso serviu como instância para a execução do poder da ciência e o desfecho levou a Câmara à mesma condição de antes da *Revolta dos Canjicas*, foi restabelecida e continuou a dar plenos poderes a Simão Bacamarte até que ele próprio decidisse sobre seu destino.

Vistos individualmente, as figuras criadas por Machado evidenciam suas idiossincrasias e em grupo reforçam o que parece ser para o autor a personificação satirizada dos hábitos do período colonial, um cenário que não compreende o sentido de *colocar todos os doidos numa mesma casa*, assim como parece estar sempre na condição de *tutela* por uma autoridade, seja política ou médica e até mesmo por um barbeiro ambicioso, que utilizando o discurso de um bem comum leva a cabo, na verdade, seus interesses individuais de ambição pelo poder.

Esse complexo conjunto de personagens são elementares para compor o cenário de contradições de Itaguaí dentro dos parâmetros convencionais da dinâmica da vila antes e durante o reinado de Bacamarte e também podem oferecer indícios do Rio de Janeiro no final do século XIX.

Estão longe da representação do ideal que as obras românticas pareciam explicitar, todos de alguma maneira caracterizam o que são as pessoas reais, que possuem defeitos e demonstram suas fragilidades por meio de desequilíbrios que, no final das contas, fazem parte da experiência humana.

A Casa Verde e o reinado da razão

Em 1852 foi aberto o Hospício D. Pedro II que tinha como objetivo acolher as pessoas que fossem consideradas com algum tipo de alienação mental.

É interessante pensarmos, então, na inauguração deste hospital sob o ponto de vista de mudança na dinâmica cotidiana da sociedade para com os indivíduos considerados com alguma desordem mental, sobretudo, na Corte Imperial, considerando que, em *O Alienista*, Machado deixa marcada muito forte a ideia de que Simão Bacamarte tinha a intenção de transformar os procedimentos dispensados ao mentalmente alienados.

Segundo William Vaz de Oliveira, a criação do Hospital Psiquiátrico D. Pedro II foi celebrada pela futura psiquiatria como a conquista de um espaço específico para o recolhimento do *doente*, da *loucura* e também como um lugar onde o médico poderia dispor de uma série de dispositivos e instrumentos que tornaria eficaz a sua intervenção. Mais do que isso, a conquista estava atrelada à ideia de um espaço simbólico no qual o poder estaria concentrado nas mãos do médico, enquanto que o doente mental permaneceria submetido ao seu saber.¹²

De acordo com Oliveira, é perceptível que a fundação desta instituição foi decorrência de uma série de manifestações de médicos que não estavam de acordo com a forma como as pessoas eram tratadas nas Santas Casas de Misericórdia, que de maneira alguma contribuía para a possibilidade de cura e recuperação, já que as ditas desordens mentais eram nesse período tratadas ainda com o teor religioso, com ligação ao mal e não como doença do corpo físico.

¹² OLIVEIRA, William Vaz de. Discursos e práticas psiquiátricas no Brasil oitocentista: O hospício de Pedro II e o processo de medicalização da loucura. In: *Anais do III Simpósio de História do Maranhão Oitocentista: Impressos no Brasil do século XIX*. São Luís: UEMA, 2013, p. 1.

No primeiro momento de assistência do Hospício, a característica dominante foi a do isolamento, de acordo com as influências de médicos da época como Philippe Pinel e Esquirol. O isolamento era considerado um método eficaz no processo de recuperação do doente, visto que eram as relações domésticas apontadas como principal causa para o adoecimento do indivíduo, o hospício era considerado o único local em que a cura seria possível.¹³

O autor afirma que a análise foucaultiana da instituição como um exercício inquestionável do poder não é suficiente para entender a realidade brasileira, dado ao fato de que o estabelecimento dessa instituição, assim como a medicina mental que se organizou no Brasil, não foi uma reprodução precisa da psiquiatria francesa, pois no caso brasileiro, a psiquiatria entrou num embate com a religião e práticas populares de cura.

Se por um lado a criação do Hospício D. Pedro II significou para a comunidade médica do oitocentos a concretização de seus anseios para o tratamento das moléstias que acreditavam poder tratar e curar usando o isolamento dos pacientes em relação a suas próprias famílias, por outro lado, cabe a seguinte indagação: na prática, os saberes médicos nesse período possuíam tamanho poder de transformar a dinâmica entre a população e seus personagens desviantes da ideia de normalidade? O que implicou de fato na aplicação dessas ideias?

Os debates teóricos não estavam compassados com os ocorridos na Europa, no Brasil as principais discussões debatiam ainda se a natureza da doença mental e sua sede era um mal no cérebro ou da alma incorpórea, de uma patologia do espírito, da razão ou do corpo.¹⁴

¹³ OLIVEIRA, William Vaz de. Discursos e práticas psiquiátricas no Brasil oitocentista: O hospício de Pedro II e o processo de medicalização da loucura. In: *Anais do III Simpósio de História do Maranhão Oitocentista: Impressos no Brasil do século XIX*. São Luís: UEMA, 2013, p. 3

¹⁴ CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Cidadelas da ordem: a doença mental na República*. 1. reimp. São Paulo: Brasiliense, 2010, p. 16.

[...] o pensamento alienista estava essencialmente voltado para a profilaxia do meio urbano. Para eles, a cidade aparecia como o ambiente ideal para esta cultura de germes deflagradores de uma verdadeira epidemia social. Se, do ponto de vista teórico, degenerados sempre existiram (pois é da natureza da "ciência" adotar sempre pontos de vista supra históricos), a cidade tornaria possível que eles se escondessem e se multiplicassem sem controle.¹⁵

Dessa maneira, tornou-se uma missão para esses médicos, em conjunto com uma elite temerosa do descontrole social, impedir ainda mais o adiamento do alcance do *progresso* e da *civilização* em moldes europeus.

A Casa Verde faz parte dessa análise comparativa, como o que foi discutido acima e pode ser pensada como uma manifestação material das novas convicções ilustradas, partindo principalmente dos diferentes olhares sobre sua construção e existência que podem ser destacadas em cinco momentos no conto machadiano.

A primeira impressão de todos em Itaguaí, a ênfase dada pelo narrador machadiano indica claramente um estranhamento do novo como alheio e descabido para a realidade da vila.

O narrador machadiano evidencia isso ao mostrar o primeiro contato dos vereadores quando Bacamarte apresenta seu projeto de construção, os diálogos entre a população, o conselho do padre Lopes para D. Evarista para que convencesse seu marido a desistir de uma ideia tão absurda.

[...] A idéia de meter os loucos na mesma casa, vivendo em comum, pareceu em si mesma sintoma de demência e não faltou quem o insinuasse à própria mulher do médico.

—Olhe, D. Evarista, disse-lhe o Padre Lopes, vigário do lugar, veja se seu marido dá um passeio ao Rio de Janeiro. Isso de estudar sempre, sempre, não é bom, vira o juízo.

¹⁵ CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Cidadelas da ordem: a doença mental na República*. 1ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2010, p. 26.

D. Evarista ficou aterrada. Foi ter com o marido, disse-lhe "que estava com desejos", um principalmente, o de vir ao Rio de Janeiro e comer tudo o que a ele lhe parecesse adequado a certo fim [...]¹⁶

A movimentação ocorrida na vila permite notar a aversão à essa possibilidade de condicionar e classificar a *insânia*, pois para essas pessoas a vesania não representava um perigo que precisava ser contido.

É curioso perceber que mesmo com toda a antipatia demonstrada à construção da Casa Verde, os planos de Bacamarte conseguiram se concretizar e o exercício da ciência foi feito sem maiores impedimentos e, em algum nível, com auxílio do poder local, evidenciando assim, mais uma vez, a autonomia de ação alienista, mas ao mesmo tempo a necessidade de apoio da administração pública.

Numa segunda fase, todo o panorama descrito pelo narrador chama atenção para a ideia de que (em alguma medida) houve uma apropriação do discurso da ciência pela população de Itaguaí.

Enquanto a prática alienista esteve voltada para uma pequena parcela do coletivo, tudo feito de forma muito específica e criteriosa, os efeitos não eram considerados danosos, mas à medida em que a ciência tornou seus procedimentos mais abrangentes, lidando com pessoas notáveis da sociedade itaguaiense, o quadro desse relacionamento mudou e essa novidade que antes era útil (para isolar elementos excêntricos da sociedade), se tornou uma perturbação.

Talvez o que o autor tenha desejado com isso fosse mostrar tal possibilidade em seu tempo ou num futuro próximo, já que gradativamente a ação alienista começava a ganhar fôlego.

O *terror* é o descontrole que toma conta de Itaguaí e qualquer um torna-se alvo de internação. É o momento em que a existência da instituição é de fato questionada e após perceber que não poderia ter auxílio da

¹⁶ ASSIS, Machado. O Alienista. São Paulo: Ática, 1992, p. 10.

Câmara, a população se volta contra Simão Bacamarte e exige a destruição da Casa Verde.

Nesse ponto até o alienista, que manteve sua serenidade calculada em toda a história, suspeita o fim de seu reinado da razão quando o barbeiro Porfírio Caetano das Neves promove seu golpe e destitui o poder da Câmara. Tomado por uma onda de ambição que ao que parece nunca havia se manifestado, o líder da *Revolta dos Canjicas* percebe e reconhece a autoridade científica como âmbito do poder longe de seu alcance, e o poder de Bacamarte é legitimado mais uma vez por uma aliança com o representante do movimento revoltoso.

O quarto momento concentra-se na aceitação inevitável por parte de toda a população dos mandos e desmandos do alienista, já que nem mesmo a intervenção do vice-rei e a restauração da Câmara foram capazes de impor alguma autoridade. É a partir desse controle tão absoluto, e que resulta na internação de $\frac{3}{4}$ da população de Itaguaí, que o próprio médico se vê obrigado a rever seus estudos e mudar sua teoria.

Um último vislumbre da crise causada pelo alienismo de Bacamarte é reverter suas hipóteses e concluir que ele era o único indivíduo em toda a Itaguaí que poderia ser considerado em total equilíbrio mental e com isso terminou seus dias sozinho como sua própria cobaia em seu templo da razão, a Casa Verde.

A casa de orates possui uma importância central na história, todas as discussões e conflitos, ao cabo, tratam-se na verdade de sua existência.

É dentro dessa estrutura monumental de janelas verdes que todo o poder da ciência é colocado em prática, as pesquisas, experiências, contradições de comportamentos e excentricidades, o *cárcere da razão humana* é resguardado, algo muito semelhante à importância atribuída às casas de orates que tiveram destaque no florescer da psiquiatria brasileira.

O papel da Casa Verde serve para pensarmos qual é a dimensão da concepção de imparcialidade por parte de Simão Bacamarte. Machado

evidencia, nas formas de negociações entre o discurso alienista e a dinâmica social de Itaguaí, os caminhos que a ciência teve de empreender tanto como parte do cotidiano de Itaguaí (a socialização do médico com as outras pessoas) e a instância de maior poder, representada pela Câmara.

A própria narrativa possibilita que o leitor veja em diferentes momentos que a ciência não era apenas um assunto destinado ao especialista, seu alcance abrangia a sociedade como um todo. Para que conseguisse barganhar a construção de seu hospício, o alienista teve de interferir no sistema de tributação da vila, ou seja, administração pública, tipo de tarefa desdenhada pelo personagem que tinha interesse somente em seus estudos.

O fato de que a população revoltada recorreu primeiramente à Câmara na tentativa de restituição do poder investido ao alienista, assim como as ordens de liberação de pacientes e mudanças de teorias que eram expedidas por ofícios dirigidos à Câmara para depois atingir a sociedade, explicita que Machado captou a ideia de que para a ciência conseguir atingir seus objetivos, era preciso estabelecimento de uma relação com a política e necessitava da mesma para garantir a sua sobrevivência, assim como a historiografia tem procurado demonstrar.

É claro que na medida do possível, a instituição fictícia tentou se livrar de tamanha responsabilidade, colocando a ciência como saber acima de qualquer outra coisa, entretanto, isso só comprova o que o narrador se refere no início sobre as práticas questionáveis exercidas há muito tempo e registradas pelos cronistas.

Um outro ponto de controvérsia se refere ao tipo de relação entre médico e sociedade.

Embora seja ressaltada muitas vezes que Bacamarte não compartilhava dos pequenos deleites da vida em sociedade, foi a partir de seu convívio social que muitas das interações aconteceram, além do fato de que as pessoas que ele afirmava não terem autoridade para lhe cobrar

explicações sobre seus procedimentos, era dessa mesma população que lhe servia como lucro financeiro, material para a formulação de suas teorias.

[...] Três horas depois cerca de cinqüenta convivas sentavam-se em volta da mesa de Simão Bacamarte; era o jantar das boas-vindas. D. Evarista foi o assunto obrigado dos brindes, discursos, versos de toda a casta, metáforas, amplificações, apólogos. [...] O alienista ouvia essas coisas um tanto enfastiado, mas sem visível impaciência. Quando muito, dizia ao ouvido da mulher que a retórica permitia tais arrojos sem significação [...] Martim Brito, rapaz de vinte e cinco anos, pintalegrete acabado, curtido de namoros e aventuras, declamou um discurso em que o nascimento de D. Evarista era explicado pelo mais singular dos reptos. Deus, disse ele, depois de dar o universo ao homem e à mulher, esse diamante e essa pérola da coroa divina (e o orador arrastava triunfalmente esta frase de uma ponta a outra da mesa), Deus quis vencer a Deus, e criou D. Evarista. " [...]

— Pobre moço! Pensou o alienista. E continuou consigo: —Trata-se de um caso de lesão cerebral: fenômeno sem gravidade, mas digno de estudo...

D. Evarista ficou estupefata quando soube, três dias depois, que o Martim Brito fora alojado na Casa Verde. Um moço que tinha idéias tão bonitas! [...]¹⁷

No fundo, a imparcialidade do discurso científico pressupõe uma pauta tão complexa e cheia de controvérsias que se pode questionar, assim como parece que Machado o fez ao escrever *O Alienista*.

Se cabia a um homem, como é o caso de Simão Bacamarte, conferir a si mesmo uma tarefa tão complexa, já que longe de descobrir uma cura definitiva para o que ele considerava ser a *insânia*, a função do médico estava muito mais próxima da categorização e classificação de quem, segundo seus preceitos, poderia viver em sociedade ou não.

Ainda que Bacamarte tenha sucumbido diante da impossibilidade de entender o limite entre a sanidade e sua ausência, mesmo que a ânsia pela verdade científica seja algo que ficou relegada a ser contada pelos cronistas (pois não fincou raízes na sociedade itaguaiense), a Casa Verde foi resguardada pelo tempo como uma espécie de monumento da razão

¹⁷ ASSIS, Machado. *O Alienista*. São Paulo: Ática, 1992, p. 24-25.

alienista que em *tempos remotos* foi capaz de abalar momentaneamente as bases estruturais da pequena vila.

REFERÊNCIAS

Fonte

ASSIS, Machado. *O Alienista*. São Paulo: Ática, 1992.

Bibliografia

CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CRESTANI, Jaison Luís. *Machado de Assis e o processo de criação literária: estudo comparativo das narrativas publicadas n'A Estação (1879-1884), na Gazeta de Notícias (1881-1884) e nas coletâneas Papéis avulsos (1882) e Histórias sem data (1884)*. 2011. 364 p. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, 2011.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Cidadelas da ordem: a doença mental na República*. 1. reimp. São Paulo: Brasiliense, 2010.

GONÇALVES, Monique de Siqueira. *Estado, medicina mental e sociedade no Segundo Reinado: reclusão e assistência a alienados na capital do Império do Brasil*. *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História - conhecimento histórico e diálogo social*. Natal: UFRN, 2013.

MURICY, Kátia. Introdução. *A razão cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo*. São Paulo: Cia das Letras, 1988, p.13-49.

OLIVEIRA, William Vaz de. *Discursos e práticas psiquiátricas no Brasil oitocentista: O hospício de Pedro II e o processo de medicalização da loucura*. In: *Anais do III Simpósio de História do Maranhão Oitocentista: Impresses no Brasil do século XIX*. São Luís: UEMA, 2013, p. 1-12.

Artigo recebido em 06/09/2019 e aprovado em 18/02/2020.